

QUAL É O SEU LUGAR NO MUNDO SEM SER SELFIE? OFICINA DE FOTOGRAFIA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

WHAT IS YOUR PLACE IN THE WORLD WITHOUT BEING A SELFIE? PHOTOGRAPHY WORKSHOP WITH HIGH SCHOOL STUDENTS

DOI: 10.16891/2317-434X.v13.e2.a2025.id2135

Recebido em: 29.07.2024 | Aceito em: 06.02.2025

**Cláudia Braga de Andrade^{a*}, Luciana Gageiro Coutinho^b, Aline Carla Azevedo Matos Santos^a,
Gabriel Faria Botelho Tostes^b**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro – RJ, Brasil^a

Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói – RJ, Brasil^b

***E-mail: claudia.andrade@unirio.br**

RESUMO

A pandemia de Covid-19 trouxe efeitos significativos na formação dos laços sociais entre os adolescentes e principalmente destes em suas relações com a escola. Desde a psicanálise, tendo em vista o afrouxamento dos laços com a família, temos que o estado de desamparo é reeditado na adolescência e pode produzir montantes significativos de angústia que demandam acolhimento e escuta. Diante dessas questões, aliadas à demanda feita pela escola à universidade no escopo de uma parceria de pesquisa e extensão, uma Oficina de Fotografia foi ofertada a estudantes do ensino médio visando o enfrentamento do mal-estar pós-pandêmico, a abertura de espaço para formação de laços entre os estudantes e a diminuição das disparidades provocadas pelo distanciamento social. A metodologia de trabalho utilizada partiu da premissa da escuta territorial, sendo o registro e análise dos materiais produzidos a partir de relatórios em formato de crônicas. Como resultado, foi possível coletivizar questões trazidas pelos adolescentes, frequentemente associadas às restrições socioeconômicas e simbólicas relativas aos lugares ocupados por eles no laço social. A partir das narrativas fotográficas e verbais produzidas pelos jovens, a família e os laços com os pares aparecem como elementos importantes no tratamento do desamparo experienciado por eles. Já a escola é percebida tanto como um espaço de acolhimento como de desamparo. Por fim, foi possível acompanhar a formação de processos identificatórios entre os adolescentes, que pareciam não estar habituados à escuta de elementos comuns entre eles, e produzir novas formas de habitar e viver o ambiente escolar.

Palavras-chave: Adolescência; Escola; Laço social.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic had significant effects on the formation of social bonds between adolescents and especially on their relationships with school. From psychoanalysis, taking into account the loosening of ties with the family, the state of helplessness is re-edited in adolescence and can produce significant amounts of anguish that demand acceptance and listening. Faced with these issues, combined with the demand made by the school to the university within the scope of a research and extension partnership, a Photography Workshop was offered to high school students aiming to combat post-pandemic malaise, opening space for training of bonds between students and the reduction of disparities caused by social distancing. The work methodology used was based on the premise of territorial listening, with the recording and analysis of the materials produced based on reports in chronicle format. As a result, it was possible to collectivize issues raised by adolescents, often associated with socioeconomic and symbolic restrictions relating to the places they occupy in the social bond. From the photographic and verbal narratives produced by the young people, family and ties with peers appear as important elements in the treatment of the helplessness they experience. The school is perceived as both a space of welcome and helplessness. Finally, it was possible to monitor the formation of identification processes among adolescents, who seemed to be unaccustomed to listening to common elements among them, and to produce new ways of inhabiting and experiencing the school environment.

Keywords: Adolescence; School; Social bond.



INTRODUÇÃO

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que o mundo vivia uma pandemia. Um vírus, que devido ao nosso desconhecimento a respeito de como lidar com sua alta capacidade letal, impôs um necessário distanciamento social, provocando uma rápida desconstrução do mundo contemporâneo, alterando toda nossa forma de vida. Desde então, temos sofrido diversos efeitos do modo como foi conduzida politicamente a situação de pandemia no Brasil, dentre eles a intensificação do abismo econômico e social que evidenciou as desigualdades na educação brasileira, impondo desafios ainda mais urgentes.

Além disso, durante o período de fechamento das escolas por conta do vírus, escancarou-se o fato de que a escola não é somente o *locus* da educação de conteúdos e disciplinas, mas que ela representava muito mais do que isso na vida de crianças e jovens. A ausência do seu lugar como espaço de socialização para os adolescentes, onde importantes laços sociais são construídos, foi muito sentida após esse longo período de isolamento, corroborando para um agravamento de questões relativas à saúde mental desses jovens, que perderam seu referencial de encontro e acolhimento entre seus pares e professores. Particularmente na vida do adolescente, o tempo da escola tem um lugar significativo, pois se articula ao tempo de construção de novos laços sociais. Numa visada psicanalítica, a passagem da referência ao Outro da infância para o Outro marcado pela falta, traz inevitavelmente uma experiência de desamparo, que pode ser agravada quando sobreposta à condição de desamparo social em que se encontram muitos jovens brasileiros. Nesse sentido, a perda do vínculo com o espaço escolar, que se agrava durante o período pandêmico, produziu efeitos que ainda não conseguimos dimensionar.

Partindo dessas premissas, o projeto de extensão *Da escola à universidade: escutando o mal-estar*¹, desenvolvido através de uma parceria entre a UNIRIO e a UFF, busca construir, juntamente às escolas, estratégias para enfrentamento do mal-estar e criação de novos laços sociais e institucionais. O projeto tem como proposta criar espaços que potencializem a permanência escolar e que contribuam para mitigar os impactos da pandemia na

educação, buscando diminuir as disparidades e diferenças geradas pelo fechamento das escolas. Neste contexto, um trabalho de extensão em conjunto com a escola buscou construir caminhos e estratégias que contribuíssem para esse retorno às atividades presenciais.

Neste artigo, apresentaremos algumas reflexões recolhidas da realização de uma oficina intitulada “Oficina de Fotografia” com alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro. A partir da produção de narrativas visuais, verbais e musicais, convidamos os adolescentes a expressarem “seus lugares no mundo”, o que propiciou um exercício elaborativo, estético e político sobre as adolescências presentes.

Adolescência, desamparo e escola

A adolescência tem sido alvo de discussão e atenção nas políticas públicas, sendo comumente reconhecida como uma fase da vida permeada por diferentes transformações “físicas, emocionais e sociais” (BRASIL, 2006) no processo de desenvolvimento humano. Além da definição no âmbito legal e político, fundamental para a construção de políticas públicas que possibilitem a garantia de direitos desse setor, trazemos aqui a perspectiva psicanalítica da adolescência, e com isso visamos ter um olhar para ela enquanto experiência subjetiva, marcado pela história e experiências singulares, que muitas vezes não encontra lugar nas instituições e discursos que dela tratam.

Em psicanálise, a adolescência pode ser definida como um momento de acentuado trabalho psíquico diante das diferentes perdas vivenciadas e reconfigurações dos laços sociais da infância nos sujeitos que a experienciam (ROSA; VICENTIN, 2010). Essas perdas podem ser explicadas pela maior permeabilidade do sujeito ao social, o que provoca um afrouxamento dos laços com as figuras parentais e, conseqüentemente, uma maior exposição às responsabilidades e também aos riscos da vida adulta.

Evidentemente, há conotações cronológicas que situam esse estado num momento típico da vida, embora o parâmetro não seja exatamente o mesmo para as diferentes culturas. Porém, em

¹ Projeto vinculado à pesquisa aprovada no Comitê de Ética em

Pesquisa sob o CAAE nº 20131119.6.0000.8160.

qualquer cultura, há uma passagem entre a infância e a vida adulta que atravessa esse estado de indecisão que convoca a um iminente desfecho. Essa passagem vai do estado de proteção, que caracteriza a infância, ao estado de exposição, que caracteriza o adulto (JERUSALINSKY, 2004, p.1).

Tal como expõe Jerusalinsky acima, considerando a adolescência como um momento de exposição maior às exigências tanto da pulsão quanto do mundo social mais amplo, que provoca uma diminuição de proteção ofertada na infância pelos pais no lugar de ideais, é compreensível que o sujeito adolescente se sinta invadido por um montante de angústia. Essa angústia, aliás, pode trazer resquícios de experiências anteriores do desenvolvimento, nas quais, durante os primeiros anos de vida, era possível convocar outro sujeito no apaziguamento desse afeto, normalmente aquele que exercia uma função de maternagem (FREUD, 1926/2014). Assim, para compreender a presença do desamparo e da angústia na adolescência, é necessário entender como Freud concebeu sua manifestação como elementos constituintes do processo do desenvolvimento humano.

Quando trabalha o tema da angústia, enquanto receio a um perigo iminente, Freud (*ibid.*) observa que ela se manifesta em circunstâncias que remetem o sujeito a situações ocorridas em seu passado. Em outras palavras, ele observa que já na infância a angústia se apresenta mediante o receio da perda do objeto primordial, ou seja, a perda do amparo proporcionado pela mãe (ou figura materna). Se é a mãe quem apazigua as demandas e tensões provindas do corpo do infante – fome, sede, conforto, segurança, entre outros –, a perda dessa figura provoca a irrupção do sentimento de angústia. Sendo assim, é possível apreender a presença de um desamparo constitucional a todo ser humano, engendrado pela pulsão como conceito de fronteira entre o “biológico” e o “psíquico” (*ibid.*, p. 59). Nesse caso, a sensação de desamparo pode ser definida como uma condição natural humana, na qual o sujeito demanda, principalmente nos primeiros anos de vida, a presença da alteridade no alívio da tensão que emerge em seu corpo. Diante da falta desse outro no processo de desenvolvimento, o sujeito se reconhece em estado de risco e perigo iminente, revivendo a condição de desamparo e, conseqüentemente, sendo colocado numa situação de angústia.

Dito isso, é possível apreender que há na adolescência uma reatualização desse sentimento de desamparo (JERUSALINSKY, 2004), a partir de demandas que convocam um novo encontro com a alteridade no apaziguamento das tensões corporais e psíquicas emergentes do sujeito, principalmente de origem sexual e afetiva. Entretanto, tais demandas não são mais passíveis de serem satisfeitas no seio familiar, diante das necessárias interdições e impossibilidades que se iniciam já na infância (FREUD, 1926/2014), e provocam no adolescente a necessidade de fazer um endereçamento ao laço social, na busca pelo alívio dessas tensões, seja em ato, seja através da possibilidade nomear e dar um destino a essa angústia na fantasia, e assim poder traçar um caminho em direção à (re)construção de seu lugar enquanto sujeito de desejo. Tal deslocamento não se dá apenas no plano dos objetos, mas sim de uma nova referência ao Outro, que implica na elaboração de sua dimensão de falta e em uma maior apropriação simbólica dele no plano psíquico (ALBERTI, 1995). Isso se dá em paralelo ao processo de declínio da autoridade parental e da busca por novos Outros através de novos laços sociais, não apenas com outros sujeitos, mas com diferentes instituições e discursos possíveis de acolher tal demanda adolescente, participando do processo de construção de um desejo em nome próprio. Dentre essas instituições, está a escola.

Como já apontava Freud (1910/2013), a escola pode ser uma instituição produtora de desejo para com seus estudantes, promovendo-lhes o apreço pela vida e suas possibilidades, principalmente diante das transformações pelas quais atravessam com o afrouxar de seus laços no ambiente familiar. Entretanto, o que tem sido observado frequentemente na vida escolar de muitos e muitas adolescentes brasileiros é um efeito oposto à produção de desejo, quando a escola provoca um desinvestimento dos estudantes e intensifica o sentimento de desamparo, já tão presente nesse momento (COUTINHO *et al.*, 2020). Assim, a experiência escolar reproduz uma condição de desamparo social no qual se encontram, não lhes facilitando a ampliação dos laços sociais e a constituição de novas referências simbólicas necessárias ao atravessamento da adolescência.

Nesse sentido, muitas vezes o/a adolescente se vê sem o auxílio eficiente de outra instância social ou de algum rito suficientemente abrangente para conduzi-lo na



travessia de reconstrução de um lugar diante do Outro (SAGGESE, 2001), o que pode resultar no recurso às drogas, aos conflitos com a lei, às autolesões, às tentativas e/ou ideações suicidas, enquanto modos de buscar dar contorno à angústia e/ou aos conflitos inerentes às modulações dessa relação com o Outro. Entretanto, tais formas de apelo, visando suturar a falta e encontrar um lugar no discurso do Outro, perpetuam a condição de silenciamento em que se encontram, promovendo o desamparo discursivo (ROSA, 2016) quando, ao invés de caminharem no sentido da elaboração de um discurso próprio, ficam condenados a determinadas nomeações que os fixam em lugares de segregação no laço social.

As instituições que se ocupam de adolescentes, entre elas a escola, tendem a reproduzir discursos hegemônicos sobre eles e elas tais como o racismo, a medicalização, a homofobia, entre outros. O pesquisador orientado pela psicanálise, de modo avesso, é capaz de introduzir nas instituições um discurso que visa recuperar o sujeito que está preso nas malhas desses discursos segregadores, atuando para que o sujeito possa se deparar com a incompletude do Outro e encontrar outros caminhos e narrativas para os seus anseios por uma resposta que diga sobre si.

METODOLOGIA

Diante das condições de agravamento do desamparo social da adolescência, as escolas se viram com muitas questões no retorno às aulas com esse público. É então que surge a demanda por um trabalho de escuta e acolhimento com estudantes do ensino médio. Pensamos que essa seria uma oportunidade de intervir, especialmente diante da preocupante condição de silenciamento na qual se encontravam muitos jovens de escolas públicas no retorno às aulas no contexto pós-pandêmico.

Durante o primeiro contato com a escola, no primeiro semestre de 2022, a direção e a coordenação pedagógica sugeriram que as atividades fossem direcionadas às turmas de terceiro ano. Eles argumentaram que, em breve, esses alunos deixariam a escola, tornando a possível participação no projeto como a “última oportunidade para eles”, já que após uma semana de aulas, foram afastados do ambiente escolar devido à pandemia, retornando somente dois anos depois. Sem terem criado memórias ou laços com a escola, cursavam o último ano e

já eram considerados veteranos. Além disso, nesse momento, as escolas ainda enfrentavam grandes mudanças na estrutura curricular com a implementação do Novo Ensino Médio. Definimos inicialmente junto com a direção da escola cinco turmas de terceiro ano do ensino médio para realizar a Oficina de Fotografia em três encontros, com duração de uma hora e quarenta minutos. As oficinas foram realizadas em dois momentos, um em cada semestre, sendo o primeiro com quatro encontros em maio de 2022, e o segundo momento com mais três encontros no mês de agosto de 2022. Dentre os facilitadores, estiveram envolvidos nas atividades professoras universitárias do curso de psicologia, graduandos do curso de psicologia e pedagogia e, por fim, mestrandos e doutorandos com formação em psicologia, pedagogia, geografia e ciência política. Todos os encontros foram registrados através da elaboração de crônicas, nas quais foram ressaltados momentos importantes da oficina. As crônicas são relatos produzidos pela equipe do projeto que busca registrar como a palavra circula no grupo, destacando falas, mas também uma análise subjetiva que inclui impressões, reflexões e sentimentos suscitados durante as ações (BROIDE, 2020). Na Oficina de Fotografia utilizamos a metodologia da escuta territorial, desenvolvida por Jorge Broide (2020; 2022), que se baseia na escuta das vivências e dos desafios enfrentados pelos sujeitos a partir do seu território. Desta forma, buscamos mapear os laços conscientes e inconscientes que constituem a escola e a cidade através de uma escuta sensível aos fenômenos sociais presentes nos discursos dos sujeitos. Isto implica em considerar como as condições socioeconômicas e culturais do território onde estão inseridos, influenciam na vida dos adolescentes. O território, nesse contexto, vai além da simples localização geográfica; ele engloba as relações sociais, a infraestrutura disponível, os recursos comunitários e as oportunidades de desenvolvimento.

A Oficina de Fotografia teve como objetivo construir um espaço para acolher as diversas narrativas sobre a experiência singular dos estudantes desse presente momento marcado por muitas transições e expectativas: adolescência-vida adulta, a expectativa estudo-trabalho, a conclusão do ensino médio e a saída da escola, as alterações no cotidiano no contexto pós-pandêmico, entre outras. Ao final do trabalho na oficina, organizamos uma exposição na escola com as imagens escolhidas e

capturadas pelos estudantes. A exposição no mural da escola foi uma forma de implicar e envolver toda comunidade escolar, tornando público o trabalho produzido pelos estudantes nas oficinas. A estratégia de trabalhar com imagens buscou trazer uma proximidade com o cotidiano do estudante, com a onipresença das telas, a hipervisibilidade da imagem e sua tendência à promoção de um culto narcisístico. O uso e o excesso na produção e exposição diante das imagens fazem muitas vezes com que elas passem por nós sem que possamos encontrar, de fato, significados para cada uma delas. Na interpretação de Byung-Chul Han (2021), no tempo atual, as imagens digitais não contam ou falam, pois elas não permitem uma forma de conclusão, de construção de narrativa e produção de sentido. A excessiva e rápida alternância das imagens no universo digital, promove um estancamento na instantaneidade do tempo presente e “torna-se impossível fechar os olhos” (HAN, 2021, p.16).

Contraopondo-se a experiência contemporânea da acelerada exposição de imagens, propomos, através da Oficina de Fotografia, um processo de desaceleração para tornar possível uma distância contemplativa para produção de narrativas coletivas, procurando escapar à produção de sentido fechado em si próprio. O trabalho com as imagens buscou abrir um espaço para promover o reconhecimento do sujeito e produzir algo que o surpreenda e o subjetive. No caso, valorizamos o ‘estar com o outro’ na aposta de que na coletividade se reforçam os laços sociais.

No primeiro encontro, selecionamos cerca de 25 fotografias e projetamos na tela da sala, uma a uma. Com o objetivo de sensibilizá-los a refletir sobre o cotidiano, lançamos duas provocações à turma: “Qual a mensagem que o autor da fotografia gostaria de transmitir?” e “Qual a impressão que vocês têm ao observar a fotografia?”. Acolhemos todas as falas, em seguida, disponibilizamos as fotografias impressas e a turma se dividiu em pequenos grupos. Cada grupo escolheu quatro fotografias e solicitamos que fosse construída uma narrativa considerando as provocações acima. Com isso, intencionamos deixar como questão para o grupo: “O que eles sentiam ao observar as imagens selecionadas e por quê?”. Todas as narrativas foram registradas e apresentadas na turma.

A partir do trabalho com as fotografias, convidamos o grupo a tentar localizar a posição que, cada

um, ocupa nos diferentes ‘lugares’: em casa, na escola, na rua, na cidade e no mundo. Essa sensibilização foi fundamental para prepará-los para o segundo encontro, quando trabalhamos com fotografias produzidas pelos estudantes. No final da oficina, propomos o desafio aos estudantes de capturar duas imagens que representassem: “Os meus lugares no mundo” e “Quem sou eu no mundo sem ser selfie?”. Destacamos para a turma a importância de privilegiar o olhar, no lugar da imagem. O olhar deles sobre seus lugares e sobre si próprio e não de como são vistos. Também buscamos chamar a atenção para a cultura da imagem e o efeito subjetivo da supervalorização da imagem de si.

No segundo encontro, projetamos as fotografias capturadas pelos estudantes, uma a uma na tela da sala. Durante a exibição, os estudantes foram estimulados a observar cada uma das imagens, descrever a imagem com todos seus elementos e expressar o sentimento que as imagens provocavam neles. Somente no final de todas as observações da turma, o autor da fotografia, revelava o sentido e história daquela imagem. Ao final da oficina, procuramos destacar os temas que foram abordados nas imagens e as afinidades entre as experiências que foram compartilhadas.

No terceiro encontro, cada grupo escolheu dez fotografias capturadas pelos estudantes para construção de uma narrativa coletiva. Foi sugerido aos grupos que incluíssem letras de músicas, poesias, textos e frases que fizessem sentido para compor suas narrativas. Neste último encontro, cada grupo construiu um cartaz com o material que elegeram para compor suas narrativas e apresentaram para toda a turma. Ao final do encontro, chamamos atenção da turma sobre como aquelas imagens escolhidas apontavam narrativas comuns a eles e possíveis de serem construídas coletivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As fotografias capturadas pelos estudantes transitavam entre arte, sensibilidade, dor e realidade, revelando muito sobre o cotidiano desses jovens. Foram relatadas suas lutas diárias, frustrações, cansaço, a dificuldade de deslocamento, histórias de sofrimento e busca de superação. Escutamos suas preocupações com a sobrevivência: “Os trabalhadores têm que lutar mais ainda para comprar uma cartelinha de ovo” (F. Crônica,

18/08/2022), e quando não é possível comprar itens como carne, frango e ovo, a saída é comer “lixo” (F. Crônica, 18/08/2022).

As narrativas dos jovens foram atravessadas pelo sentimento de desamparo social, inclusive na constatação de que não recebem um ensino de qualidade porque estudam na escola pública. Em raros momentos, os jovens articulavam o contexto político, social e econômico à situação de precariedade social. Neste contexto, nos deparamos com a reprodução do discurso neoliberal que perpassa toda a sociedade, a ideia do “faça você mesmo”, onde o sujeito é causa e solução para seu sucesso ou seu fracasso. Isto se reflete bem no lema de superação e sobrevivência de um dos estudantes, que é um verso da música “Foco, Força e Fé”, do Projota: “Foco: um objetivo pra alcançar. Força pra nunca desistir de lutar e Fé pra me manter de pé.”

A desigualdade social intensifica o sentimento de desamparo ao fragilizar os laços de pertencimento e

dissolver as redes de proteção, fundamentais para a sustentação subjetiva. Com a precarização da vida social e econômica perdem-se as garantias materiais e as estruturas discursivas que sustentam o vínculo social são esvaziadas, provocando um desamparo discursivo (ROSA, 2016). Este cenário, estruturado em condições políticas e econômicas limitadoras das possibilidades de inscrição social, exclui os sujeitos de experiências favoráveis ao reconhecimento simbólico e gera sofrimento individual.

O longo deslocamento diário para chegar à escola foi uma constatação compartilhada pela maior parte dos estudantes. “Como é que a pessoa sente paz num trânsito assim?” (Crônica, 19/08/2022). Recebemos muitas fotografias que foram capturadas durante o trajeto, uns dentro do ônibus, outros no metrô, o que estimulou a troca de experiências e debate. Por constatar que no transporte que passam a maior parte do tempo, este seria um dos seus lugares na cidade, tal como foi retratado na fotografia abaixo tirada dentro do metrô (Figura 1).

Figura 1. O deslocamento de metrô.



Fonte: Crônica, 17/08/2022.

Os transportes públicos, sempre cheios, refletem a realidade de um deslocamento cansativo. Também foi ressaltada a sensação de insegurança sentida com frequência pelas mulheres devido ao assédio que sofrem nos transportes públicos.

O cansaço também foi trazido como um sentimento recorrente, refletindo-se ainda na falta de

disposição em participar de momentos de lazer com os amigos. L. nos diz: “No final de semana não quero saber de sair [...] eu fico cansada”, se referindo à rotina de trabalho, e completa: “Eu moro do lado de um parque! Mas realmente fico muito cansada... Agora é só escola e casa, casa e dormir” (L. Crônica, 19/08/2022). Para representar esta realidade, os alunos citaram a música “O

dia tá lindo, clima ensolarado” de Mc Poze do Rodo, no seguinte trecho: “Acordo cedo para pegar o ônibus e ir ao trabalho, o ônibus sempre está cheio de pessoas. Pessoas indo para o trabalho em um dia de semana, lindo e ensolarado. Mais um dia de trabalho concluído e jovens saindo da escola. Um lindo final de tarde.”

A família foi um tema muito presente nos encontros, sendo destacada sua relevância como principal referência e alicerce para estes jovens. Segundo os jovens, é na família que eles se encontram, tendo um dos alunos expressado: “Meu lugar no mundo é com a minha família” (J. Crônica, 17/08/2022). Embora existam diferenças estruturais entre as famílias, há um ponto comum no afeto e nas trocas. Em um dos cartazes produzidos no último dia da oficina, os estudantes citaram: “Família, cada um tem a

sua, pode ser um grupo de amigos, seus avós, sua mãe, seu parceiro ou parceira, sua mãe e sua irmã (o), seu pai, tio (a), seu vizinho. Quem for, porque o que realmente importa é o amor, cuidado, aprendizados e momentos simples e felizes que você tem com as pessoas que ama” (S. Crônica, 24/08/2022).

O território da comunidade também foi destacado como um valorizado lugar de construção e fortalecimento de laços sociais. Na fotografia da praça no Complexo da Maré (Figura 2) os estudantes a identificaram como um local de lazer e ponto de encontro dos moradores da comunidade. Para M., também moradora da comunidade, a foto remetia a “Cheiro de cocô de cavalo!” (M. Crônica, 17/08/2022), enquanto para C., se não soubesse onde era, o local pareceria bonito.

Figura 2. Praça no Complexo da Maré.



Fonte: Crônica, 17/08/2022.

Outros alunos que moravam na comunidade comentaram sobre a importância do local de encontro e das conversas na porta de casa: “Muita gente aqui é da favela, né? Então acho que vai entender...” ou “Quem é da favela vai entender”. (M. Crônica, 10/08/2022). Nesse momento, é clara a identificação entre estes alunos, e a cumplicidade expressa no sentimento de fratria.

Estar conectado à família e à comunidade é representado por paz, mas também pela preocupação em

sair dali. Esse processo de saída, afrouxamento dos laços com a família e fortalecimento dos laços com os amigos é representado pela foto da praia (Figura 3) com a seguinte frase: “A paz de descer da favela com os crias, e ir para a praia de bicicleta zoando pelo caminho” (JP. Crônica, 24/08/2022). No contexto, a bicicleta e o laço com os “crias”, os amigos com os quais se identificam.

Figura 3. Prainha.



Fonte: Crônica, 24/08/2022.

A desigualdade social é uma questão que atravessa as narrativas dos estudantes, inclusive nas formas de pertencimento e circulação na cidade que residem. A praia aparece como um espaço democrático e como um espaço de lazer e encontros. Vale ressaltar a importância atribuída pelos jovens em estar na companhia de seus pares quando saem de sua comunidade. É uma forma de fortalecimento dos laços com os pares, e de defesa diante dos desafios enfrentados em locais que não frequentam habitualmente.

O Estádio do Maracanã (Figura 4) também foi lembrado como um local de fortalecimento dos laços e de

pertencimento: “Paixão, religião, uma forte certeza de felicidade em meu coração” (M. Crônica, 24/08/2022). Segundo os jovens, o Estádio é um local em que encontram a felicidade na conquista, no esporte. Descreveram que se sentem fazendo parte de algo maior, que é a torcida de um time, pois são várias pessoas desconhecidas partilhando da mesma energia, grande e forte como um todo. Para M. quando se está no Maracanã, é possível esquecer o mundo fora do estádio, e ainda que o time perca, não se está sozinho.

Figura 4. Estádio de Futebol Mário Filho - Maracanã.



Fonte: Crônica, 17/08/2022.

Analisando a adolescência como a fase de afrouxamento dos laços com a família e de ocupação de novos lugares, ressaltamos a importância da escola na produção de laços, e, por outro lado, como fonte significativa na produção de desamparo. Um dos alunos mencionou que a escola era seu lugar de refúgio devido aos laços estabelecidos com seus pares, pois quando acontecia algo grave em casa, ia para escola pensando em não comentar nada com ninguém, mas quando chegava e encontrava com os amigos, acabava desabafando.

Se por um lado, os laços horizontais estabelecidos com os amigos e a relação de fratria no espaço escolar contribuem para o enfrentamento ao desamparo (KEHL, 2000), por outro, a escola como instituição falha nas questões sociais. O lugar mais frequentado pelo jovem após sua casa, a escola, é tida como uma prisão, um castelo onde se sente fome, longe de casa, repleto de confusões, quando deveria ser um espaço de acolhimento. Na verdade, os estudantes não se sentem acolhidos ou representados pela escola. O uniforme é muitas vezes um impedimento para pegar o ônibus, e a certeza de que serão seguidos, se não abordados, dentro do shopping. Segundo os estudantes, identificá-los como alunos da rede estadual

tem uma conotação negativa perante a sociedade. No entanto, os estudantes sinalizam que, este mesmo uniforme, é importante para identificá-los como estudantes durante um conflito nas comunidades e até protegê-los de uma abordagem mais violenta na cidade.

Assim, observamos que entre estes jovens em condição de vulnerabilidade social, o desamparo estrutural intrínseco à fase da adolescência - em que o afrouxamento dos laços com a família e a ocupação de novos espaços é parte do processo constitutivo do jovem - vem aliado ao desamparo social produzindo grande sofrimento psíquico. Neste contexto, a escola que, apesar de sua potência enquanto espaço de encontro e fortalecimento dos laços com os pares, se apresenta omissa no que tange às questões sociais, ao acolhimento, produzindo ainda mais desamparo entre os jovens.

CONCLUSÃO

A sensibilização e o envolvimento dos estudantes nas atividades da Oficina de Fotografia fizeram com que as narrativas individuais fossem coletivizadas, quando, em associação livre, outras falas puderam se produzir a partir

de uma construção compartilhada de referências e sentidos que lhes permitiram, em alguns momentos, situar-se como sujeitos implicados socialmente.

Paralelamente, supomos que a oficina possibilitou aos jovens, que inicialmente afirmaram não se conhecerem muito bem apesar de estudarem juntos, estabelecerem novas formas de conexão, sustentadas por laços horizontais fraternos, pautados na tensão entre semelhança e diferença. Seja pelas questões econômicas, insatisfações com a própria imagem, pelas vivências pessoais e familiares, frustrações com o presente e incertezas sobre o futuro, escutamos relatos sobre identificações entre eles que possibilitaram laços e a construção de um “comum”, como aparece na fala de um estudante durante o primeiro encontro: “Sem mencionar nomes ou partidos, disseram que perceberam ali que todos compartilhavam a mesma opinião e eles mesmos não sabiam deste ‘em comum’” (Crônica, 12/08/2022).

Tal como argumentado por Coutinho e Andrade (2009; 2017), sabemos que o trabalho psíquico da adolescência muitas vezes se ancora na partilha de referências simbólicas entre os pares, o que permite muitas vezes restituir o Outro de modo diverso da posição ocupada por ele na infância, seja porque se descola das idealizações parentais da infância, seja porque agora é faltoso e exige uma elaboração e apropriação singular de cada um. Esse movimento muitas vezes encontra entraves por conta da condição de desamparo social decorrente também da situação de socioeconômica precária em que se encontram esses e essas jovens (CABRAL *et al.*, 2022), que os empurra na perpetuação de uma dependência familiar maior aliada a um cerceamento espacial e discursivo na esfera social mais ampla, tal como foi expresso através das fotos e narrativas produzidas na oficina. Acreditamos que a construção de trajetórias com

mais oportunidades de estudo, de trabalho e de realizações de sonhos para esses e essas jovens depende, além do investimento público para a superação das desigualdades sociais, também, em grande parte, da possibilidade de transpor o desamparo discursivo em que são jogados quando condenados ao um lugar de silenciamento no laço social, através de uma referência ao Outro, diferentemente, que possibilite a construção de um discurso próprio na adolescência. Isso não se dá sem uma escuta sensível e atenta à singularidade do sujeito adolescente na esfera social e sobretudo na escola.

Desta forma, com as Oficinas de Fotografias, pensamos ter construído um espaço de acolhimento, escuta e onde a circulação da palavra se fez presente, criando assim, um movimento em prol de uma educação emancipadora, para além dos imperativos neoliberais relativos ao desempenho e ao saber técnico profissionalizante, que caminhe na direção da construção de novos “lugares no mundo” para eles a partir do desejo que se afirma pela palavra ou mesmo por imagem com autoria, seja através de uma selfie ou de uma panorâmica.

Para finalizar, não podemos deixar de apontar que a potência dos encontros surpreendeu professores e funcionários que convivem diariamente com os estudantes. Nas palavras de uma funcionária da biblioteca: “A dinâmica fez ver alunos interagindo de formas que eu não veria nunca aqui na biblioteca...”, “Foi muito profundo”. (C. Crônica, 10/08/2022), pois utilizaram o espaço para reflexão de forma amadurecida e não para brincadeiras como costumam fazer. Essa fala traduz bem a dimensão de nosso trabalho de pesquisa e extensão, que continua apostando na construção de novos olhares para esses adolescentes na escola, permitindo que eles possam encontrar novos Outros, a quem possam se dirigir, expressar-se e caminhar na direção de seus desejos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sônia. **O Adolescente e o Outro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 80 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Adolescente e Jovem**. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.

BROIDE, Jorge *et. al.* **A Psicanálise na Cidade**. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2022. 164 p.

BROIDE, Jorge; BROIDE, Emília Estivalet. **A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções**. 3 ed. São Paulo: Escuta, 2020.



CABRAL, I. E.; COUTINHO, LUCIANA GAGEIRO; SAGGESE, E.. Agravamento das vulnerabilidades infanto-juvenis: uma análise sociopolítica do sofrimento psíquico durante a pandemia de COVID-19. **DESIDADES - Revista Eletrônica de Divulgação Científica e a Infância e Juventude.**, p.70 - 88, 2022.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e Errância: Destinos do laço social contemporâneo.** Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2009. 255 p.

COUTINHO, Luciana Gageiro; ANDRADE, Cláudia Braga. **O que as ocupações nos ensinam sobre a adolescência, o laço social e a educação?.** *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 19, p. 48-62, 2017. DOI: 10.20396/etd.v19i0.8647736. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/articled/view/8647736>. Acesso em: 19 jul. 2024.

COUTINHO, Luciana Gageiro *et al.* **Desamparo e laços sociais na escola: uma oficina com adolescentes da rede pública.** *Cad. psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 43, p. 117-136, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952020000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 jul. 2024.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). *In: FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929).* (Obras completas, 17). São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13- 123.

FREUD, Sigmund. Textos breves: Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio (1910). *In: FREUD, Sigmund. Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O Homem dos ratos”), Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910).* (Obras completas, 9). São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 388-395.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *In: FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-*

1905). Tradução de Paulo César de Souza. (Obras completas, 6). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: Em busca de um outro tempo.** Petrópolis: Editora Vozes, 2021. 64 p.

JERUSALINSKY, Alfredo Nestor. **Adolescência e Contemporaneidade.** *In: Conselho Regional de Psicologia - 7ª Região. Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade.* Porto Alegre: Libretos, 2004.

KEHL, Maria Rita. **Função Fraterna.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 244p.

ROSA, Mirian Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento.** São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.

ROSA, Miriam Debieux; VICENTIN, Maria Cristina. Os intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. **Revista psicologia política**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 107-124, jan. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 maio 2024.

SAGGESE, Edson. **Adolescência e psicose.** 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001. 164 p.

